

A BALA LAICA DE OSWALD: UMA POÉTICA DE LINHAS TORTAS PARA A ESQUERDA.

Alfredo Henrique dos Santos Gomes. Maria do Rosário V. Gregolin. – inter-áreas – Letras – Departamento de Lingüística. – Faculdade de Ciências e Letras “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara.

Quando a análise de uma obra é sugerida temos que escolher possíveis caminhos a serem seguidos, para uma compreensão parcial do todo, com um embasamento teórico. Essa obra se insere em um período, histórico, em que indivíduos a escreveram com olhar subjetivo: ficcionalizando-a ou cientificando-a. História e Literatura se confundem, ocasionando com isso, muitos “mal-entendidos” na assimilação de uma obra. O objetivo deste trabalho é analisar as práticas e os processos discursivos na obra **Os Condenados** de Oswald de Andrade, que se insere em um período que mudou os rumos da história e da literatura no Brasil.

Expõem-se separadamente as noções de História e Literatura para que, posteriormente, uma “consustanciamento” dos dois *focos* de observação se realize, possibilitando a análise do sujeito, sua inserção no meio social que o compõe e a subjetivação dos valores apreendidos e narrados através da voz de um autor.

O texto ao qual nos ateremos nesta análise será *Alma*, publicado pela primeira vez em 1922 com o título d’*Os Condenados* que posteriormente “batizaria” o tríptico oswaldiano. *Alma* é um texto em que se evidencia a atitude católica e pós-parnasiana de Oswald de Andrade, que se vale de uma quase nitidez maniqueísta para designar relações entre o bem e o mal, materializados em suas personagens.

Alma é um texto feliz como solução técnica. Oswald usa o recurso cinematográfico para dar seqüência aos quadros narrados – evidenciando seu espírito *à frente* –procurando constantemente um estilo. O *corpus* revela a presença (influência) do meio familiar católico que compõe a ideologia do autor neste momento, que se vale de um hiperbólico psicologismo na criação de cada personagem que se torna representação de uma emoção humana, fazendo do texto (novamente) neste sentido a representação de uma época em que o autor viveu e assimilou.

Alma é o primeiro degrau da escada que representa a inserção de um indivíduo em um meio social que o constitui como sujeito.

Seria interessante justificar a metáfora que me utilizei para ilustrar a interpretação: a escada. Este é o nome (título) dado à terceira parte da história iniciada por *Alma*. Existem diversos registros do significado metafórico-simbólico da escada na cultura universal. O exemplo mais comum, no ocidente, seria o da *Escada de Jacó* que integra uma rica opção dentre as várias presentes na narrativa bíblica, relacionando-se a temas de elevação e transcendência. Elaboraremos, portanto, sobre o primeiro degrau, uma leitura norteadada pelo símbolo apresentado. Além da imagem da

escada, temos de atribuir às três principais personagens (Alma, Mario Glade, João o Carmo) a sua condição de tempo histórico, representado por suas “realidades” sociais e posturas ideológicas num mundo que começava a mudar rapidamente.

Alma, como já foi dito, é uma grande metáfora em que o passado entra em conflito com um presente ambíguo que determinará o perfil do homem moderno. Alma representa uma sociedade em transição, em busca de uma elevação –puramente materialista –que convive com resquícios do passado (simbolicamente representado pelas personagens) que, por ingenuidade, acreditam em valores que são o motivo de sua própria decadência.

As “realidades” colocadas (descritas) num texto podem não compactuar com a realidade, propriamente dita, mas mantém *status* de “verdade” dentro de um contexto em que se organiza adequadamente a “matéria”, dando verossimilhança, até ao fantástico. Essa é uma das características da literatura, o de selecionar, organizar e “fabricar” realidades, impossíveis, para o mundo real, o que não a diferencia da história, que utiliza o mesmo aparato técnico, para “produzir” impressões de ações, de indivíduos já mortos, mas que retornam à vida dentro de um contexto coerente, produzido por um, também, autor que se vale dos mesmos recursos mas os aplica diferentemente para que seu texto contenha verossimilhança dentro do contexto em que ele se insere: “Cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o sentimento da realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto.”(CANDIDO, 1998., p.80)

Referências Bibliográficas

CANDIDO, A., A Personagem do Romance, *in* CANDIDO, A., ROSENFELD, A., PRADO, D. A. et al. **Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1998

Bolsa: CNPq/PIBIC